



# SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

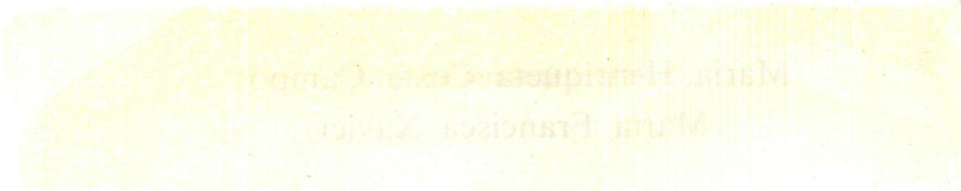
MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS  
MARIA FRANCISCA XAVIER

Maria Henriqueta Costa Campos  
Maria Francisca Xavier

# SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

Universidade Aberta  
1991

UNIVERSIDADE  
ABERTA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

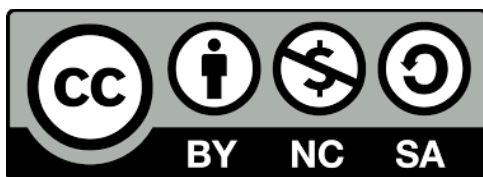


SINTAXA DO PORTUGUÊS

Copyright © UNIVERSIDADE ABERTA  
Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147  
1200 Lisboa

D.L.: 45.193/91  
I.S.B.N.: 972-674-072-X

PC 10  
Lisboa



# Sintaxe e Semântica do Português

---

## 1. Introdução

- 13 **Objectivos**
- 13 Objectivos gerais
- 14 Objectivos específicos

## 2. Conceitos básicos

- 17 **Tábua de matérias**
- 18 **Objectivos**
- 19 **Objectivo da Linguística**
- 19 Níveis de representação
- 21 Definição de objectivos
- 22 **Competência linguística**
- 23 Criatividade linguística
- 24 Intuição linguística
- 26 **Competência e performance**
- 27 Gramaticalidade e aceitabilidade
- 29 Criatividade específica da performance
- 31 **O domínio da sintaxe e semântica**
- 32 Frase e enunciado
- 34 **Tópicos de recapitulação geral**
- 34 **Referências bibliográficas**

## 3. A organização de uma gramática

- 37 **Tábua de matérias**
- 38 **Objectivos**
- 40 **O modelo T**
- 40 **A relação entre as componentes da Gramática**
- 49 **Tópicos de recapitulação geral**
- 50 **Referências bibliográficas**

## 4. Sobre funções gramaticais

- 53 **Tábua de matérias**
- 54 **Objectivos**
- 55 **Conceitos tradicionais e definições formais**

---

68	<b>Conceitos formais utilizados</b>
72	<b>A teoria da regência</b>
73	Comando de constituinte
75	<b>A ordem de constituintes</b>
77	A ordem de constituintes transformada
79	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
79	<b>Referências bibliográficas</b>

## **5. Relações semânticas e papéis temáticos**

83	<b>Tábua de matérias</b>
84	<b>Objectivos</b>
85	<b>A grelha temática dos predicados lexicais</b>
90	Papéis temáticos
94	<b>Alguns primitivos semânticos</b>
95	Verbos agentivos e não agentivos
99	<b>A hierarquia temática</b>
102	Verbos psicológicos
103	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
104	<b>Referências bibliográficas</b>

## **6. A Sintaxe X-Barra**

107	<b>Tábua de matérias</b>
108	<b>Objectivos</b>
110	<b>O esquema X-Barra</b>
111	<b>A estrutura dos sintagmas</b>
116	A estrutura do SN
116	O núcleo do SN
122	Complementos e adjuntos
138	A estrutura do SV
138	O núcleo do SV
139	Complementos e adjuntos
147	A estrutura do SC
147	O núcleo do SC
148	O complemento e o especificador
154	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
154	<b>Referências bibliográficas</b>

---

## **7. Léxico e sintaxe**

159	<b>Tábua de matérias</b>
160	<b>Objectivos</b>
165	<b>Atribuição dos papéis temáticos</b>
166	Argumento externo e argumentos internos
170	<b>O caso estrutural e o caso inerente</b>
172	Os casos estruturais
178	A hipótese inacusativa
186	Os casos inerentes
189	<b>A classificação verbal</b>
191	<b>Algumas entradas lexicais</b>
191	Os verbos
204	Nomes, adjectivos, advérbios e preposições
211	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
211	<b>Referências bibliográficas</b>

## **8. Estrutura semântica do enunciado**

217	<b>Tábua de matérias</b>
218	<b>Objectivos</b>
219	<b>Sentido e referente</b>
219	Sentido e sistema
221	Referência e enunciação
222	O referente do enunciado
223	<b>Sobre a referência</b>
223	Expressões referenciais e expressões predicativas
224	Expressões definidas e expressões indefinidas
225	Uso referencial e uso atributivo de expressões indefinidas
226	Ambiguidade referencial
227	Expressões definidas
229	<b>Referente e valor referencial</b>
230	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
231	<b>Referências bibliográficas</b>

---

## 9. Estrutura semântica do léxico

235	<b>Tábua de matérias</b>
236	<b>Objectivos</b>
237	<b>Antonímia coplementar</b>
240	<b>Antonímia graduável</b>
243	<b>Antonímia conversa</b>
245	<b>Hiponímia</b>
247	<b>Relações parte-todo</b>
250	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
250	<b>Referências bibliográficas</b>

## 10. Algumas estruturas sintácticas do português

253	<b>Tábua de matérias</b>
254	<b>Objectivos</b>
255	<b>A construção interrogativa</b>
255	A interrogativa total
256	A interrogativa total directa
257	A interrogativa total indirecta
258	A interrogativa parcial
259	A interrogativa parcial directa
261	A interrogativa de complemento directo
266	A interrogativa de sujeito
268	A interrogativa de complemento indirecto
269	A interrogativa de adjunto circunstancial
271	A interrogativa parcial indirecta
274	<b>A construção relativa</b>
276	Distribuição das construções relativas
276	A construção relativa sujeito
278	A construção relativa complemento directo
279	A construção relativa complemento indirecto
280	A construção relativa adjunto circunstancial
282	A estrutura interna das orações relativas
286	<b>A teoria do movimento e a teoria da ligação</b>
290	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
290	<b>Referências bibliográficas</b>

---

## 11. Construção de valores referenciais de algumas categorias gramaticais do português

293	<b>Tábua de matérias</b>
294	<b>Objectivos</b>
302	<b>Valores aspectuais-temporais</b>
302	Tempos gramaticais e referência temporal-aspectual
307	Adverbiais de tempo
309	Adverbiais de localização temporal
311	Adverbiais de localização aspectual
312	Natureza aspectual da relação predicativa
314	Eventos
317	Estados e actividades
320	A tipologia de Vendler
322	Relações predicativas e adverbiais de realização
324	Interdependência na construção do valor aspectual
327	Particularidades aspectuais de alguns tempos gramaticais do português
327	Pretérito perfeito simples
331	Pretérito perfeito composto
338	<b>Valores modais</b>
339	Tipos de modalidade
339	Modalidade epistémica
341	Modalidade apreciativa
342	Modalidade intersujeitos
343	A interrogação
343	A interrogação total
345	A interrogação parcial
347	A interrogação retórica
349	O conceito de pré-construído
351	As construções relativas
352	A construção causal marcada por 'já que'
354	Em guisa de introdução
355	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
356	<b>Referências bibliográficas</b>

## 12. Alguns aspectos particulares da construção da referência

359	<b>Tábua de matérias</b>
360	<b>Objectivos</b>
361	<b>Referência anafórica</b>
364	Referência actual e referência virtual
365	Anáfora contextual
365	Anáfora pronominal

- 
- 366 Anáfora nominal
  - 368 Anáfora lexical
  - 371 O especificador do anafórico nominal
  - 373 Correferência e anáfora
  - 374 Alguns tipos diferentes de relação anafórica

- 377 **Referência deíctica**
- 378 Referência deíctica e referência anafórica

- 379 **Tópicos de recapitulação geral**

- 379 **Referências bibliográficas**

- 381 **Bibliografia geral**

---

366	Anáfora nominal
368	Anáfora lexical
371	O especificador do anafórico nominal
373	Correferência e anáfora
374	Alguns tipos diferentes de relação anafórica
377	<b>Referência deíctica</b>
378	Referência deíctica e referência anafórica
379	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
379	<b>Referências bibliográficas</b>
381	<b>Bibliografia geral</b>

---

## 5. Relações semânticas e papéis temáticos

---

## TÁBUA DE MATÉRIAS

---

### 5. **Relações semânticas e papéis temáticos**

Objectivos

#### 5.1 **A grelha temática dos predicados lexicais**

##### 5.1.1 Papéis temáticos

#### 5.2 **Alguns primitivos semânticos**

##### 5.2.1 Verbos agentivos e não agentivos

#### 5.3 **A hierarquia temática**

##### 5.3.1 Verbos psicológicos

#### 5.4 **Tópicos de recapitulação geral**

**Referências bibliográficas**

---

## Objectivos

No final desta unidade os alunos deverão:

- distinguir relações gramaticais e papéis temáticos
- conhecer os papéis temáticos associados a diferentes grupos de verbos
- identificar posições argumentais e posições não-argumentais; posições temáticas e posições não-temáticas

---

Falámos, na unidade anterior, das tradicionais funções gramaticais (ou relações gramaticais) e apresentámos as respectivas definições formais. Nesta unidade iremos ver como as funções gramaticais de Sujeito e Objecto nem sempre correspondem de uma maneira natural às **relações semânticas** (ou **relações temáticas**) existentes entre um verbo e os sintagmas nominais seus argumentos, isto é, entre um verbo e os sintagmas nominais por ele seleccionados.

Os argumentos de um verbo têm uma determinada **interpretação semântica** (ou **papel temático**) relacionada com a própria interpretação do verbo que os selecciona.

Para a nossa reflexão sobre a interpretação semântica dos sintagmas nominais argumentos de um predicado, seguiremos de perto a proposta de Gruber (1967), retomada por Jackendoff [(1972), em particular o capítulo 2].

Em seguida iremos então comparar as funções gramaticais com as relações temáticas.

### 5.1 A grelha temática dos predicados lexicais

Recordamos que a interpretação semântica dos verbos lexicais (ou **verbos temáticos**) resulta da relação existente entre o próprio verbo, que é um elemento relacional, e o(s) seu(s) argumento(s). O verbo lexical tem, portanto, um conteúdo proposicional, que o distingue dos **verbos auxiliares**, que não têm conteúdo proposicional. De facto, os verbos auxiliares não seleccionam argumentos e funcionam na estrutura sintáctica como elementos auxiliares (ou **elementos funcionais**) de uma predicação.

Do ponto de vista lógico-semântico, definimos Proposição como a relação existente entre um predicado e os seus argumentos, e os argumentos são considerados variáveis do predicado. Esta relação entre verbo e variável/eis argumental/ais encontra-se no Léxico, relativamente aos itens lexicais identificados como predicados lexicais, isto é, que têm conteúdo proposicional.

Como sabemos, a informação lexical é projectada na Sintaxe, de acordo com o Princípio de Projecção. Assim, esta relação lógica entre um **operador-predicado lexical** (ou **predicador**, na frase), e uma ou mais variáveis encontra-se no Léxico e na Sintaxe em sentido lato, que inclui a Forma Lógica.

As variáveis associadas a um predicado são, normalmente, indicadas pelas letras seguintes: **x, y, z, w**.

Por exemplo:

- (1) (i) *trabalhar*: x
- (ii) *demolir*: x, y
- (iii) *oferecer*: x, y, z

- (iv) *comprar*: x, y, z, w
- (i') x trabalhar - *a Maria* trabalha
- (ii') x demolir y - *a Maria* demoliu *a casa*
- (iii') x oferecer y (a)z - *o João* ofereceu *um quadro à Maria*
- (iv') x comprar y (a)z (por)w - *o João* comprou *um quadro ao Pomar* por *mil contos*

Os exemplos (i') a (iv') mostram que cada variável de um predicado lexical é representada na estrutura sintáctica como um SN, que terá uma interpretação semântica, ou papel temático — **papel- $\theta$**  (= papel teta) — associado ao predicado que o selecciona.

As preposições dos exemplos (iii') e (iv') desempenham, em línguas como o português, a função das flexões casuais das línguas com caso morfológico.

Os verbos com conteúdo proposicional têm uma **grelha temática** — **grelha- $\theta$**  — (ou **grelha argumental**, ou **molde proposicional**), ou seja, estes verbos seleccionam um, dois, ou três argumentos e, mais raramente, quatro argumentos. São, portanto, **predicados de um lugar, de dois lugares, de três lugares ou de quatro lugares**<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Peres 1984.

O número de argumentos seleccionados por um verbo corresponde, noutra perspectiva, à **valência do verbo**<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Busse e Vilela 1986.

Por exemplo, os verbos *trabalhar* e *dormir* seleccionam um argumento. São predicados de um lugar:

- (2) a. a Maria trabalha  
b. o João dorme

Dizer que um verbo é predicado de um lugar significa que a estrutura sintáctica da frase, com um destes predicados, terá necessariamente um lugar, isto é, uma **posição argumental** — **posição-A** —, onde será projectado o argumento (SN) seleccionado lexicalmente pelo verbo. Essa posição-A, a posição sintáctica de uma categoria SN, é, neste caso, denominada **posição temática** — **posição- $\theta$**  —, porque recebe um argumento identificado semanticamente com um papel- $\theta$  associado ao seu predicado.

Os verbos *demolir* e *comer* seleccionam dois argumentos. São predicados de dois lugares:

- (3) a. a Maria demoliu a casa  
b. o João comeu o gelado

Os predicados de dois lugares, nas frases declarativas simples como (3a) e (3b) (mas não nas passivas, que veremos adiante, na unidade 7), projectam dois

argumentos (SNs). A estrutura sintáctica daquelas frases apresenta duas posições-A, que são igualmente posições- $\theta$ , onde são projectados os dois argumentos seleccionados pelos verbos.

Por não termos ainda introduzido todos os elementos necessários não é possível, neste momento, dar exemplos de vários tipos que ilustrem claramente a distinção, na estrutura sintáctica, entre as posições de SN a que chamamos posições-A e aquelas a que chamamos posições- $\theta$ . É, contudo, possível, desde já, associar umas e outras às funções gramaticais atrás discutidas.

A posição de sujeito da frase [SN,F] é uma posição-A e as posições de objecto directo [SN,SV] e de objecto indirecto [SN,SP] são igualmente posições-A, porque nestas posições sintácticas podem ser projectados argumentos seleccionados por um verbo. Todas as outras posições sintácticas, incluindo as posições dos adjuntos circunstanciais, não são posições-A, são **posições não-argumentais — posições-A'** (= posições-A barra), porque nelas não são projectados argumentos do verbo.

As posições-A da estrutura sintáctica são denominadas posições- $\theta$  quando, em Estrutura-P, essas posições recebem argumentos seleccionados pelo verbo, que são naturalmente identificados com um determinado papel- $\theta$ .

No caso dos predicados de dois lugares, por exemplo, nas frases (3), existem de facto duas posições-A, que são posições- $\theta$ . No caso dos predicados de um lugar existe apenas uma posição- $\theta$ , que é simultaneamente uma posição-A, onde é projectado o argumento do verbo, como mostram as frases de (2).

Os verbos *oferecer* e *receber* seleccionam três argumentos. São predicados de três lugares:

- (4) a. o João ofereceu um quadro à Maria
- b. a Maria recebeu um quadro do João

Nas frases (4), os verbos projectam três argumentos - SNs -, seleccionados semanticamente e categorialmente, em três posições-A, que são igualmente posições- $\theta$ : a posição de sujeito da frase [SN,F], a posição de objecto ou complemento directo [SN,SV] e a posição de objecto indirecto ou complemento indirecto [SN,SP].

E, finalmente, os verbos *comprar* e *vender* seleccionam quatro argumentos. São predicados de quatro lugares:

- (5) a. o João comprou o quadro ao Pomar por mil contos
- b. o Pomar vendeu o quadro ao João por mil contos

Como se vê nos exemplos (5), estes verbos estão associados semanticamente a quatro argumentos e podem projectar na Sintaxe os seus quatro argumentos inerentes, em quatro posições-A, que são simultaneamente posições- $\theta$ . Estes

predicados podem realmente seleccionar um **sujeito temático** — **sujeito- $\theta$**  — [SN,F] e três complementos — um [SN,SV] e dois [SNs,SP], dominados por SV.

Sabemos que o Princípio de Projecção Alargado estipula a existência na estrutura sintáctica de uma posição sintáctica de sujeito (ou **sujeito sintáctico**). Recorde-se que este princípio diz que **toda a frase tem um sujeito**. Portanto, a posição estrutural de sujeito — uma posição-A — existe independentemente do facto de o verbo da oração seleccionar ou não um argumento que será projectado naquela posição-A. O mesmo não acontece relativamente à posição de objecto directo ou de objecto indirecto. As posições de objecto de um predicado são posições-A necessariamente temáticas criadas pela projecção dos argumentos-complementos seleccionados pelo verbo.

Sabemos também que nem todos os verbos seleccionam complementos, como é o caso dos verbos intransitivos. Estes verbos não projectam, na estrutura-P, nenhuma posição-A temática à sua direita.

O problema da selecção de argumentos-complementos de um predicado lexical e a sua relação com as representações sintácticas respectivas está referido no Princípio de Projecção, que agora recordamos — **as representações sintácticas são projectadas do Léxico, devendo respeitar as propriedades de selecção dos itens lexicais**.

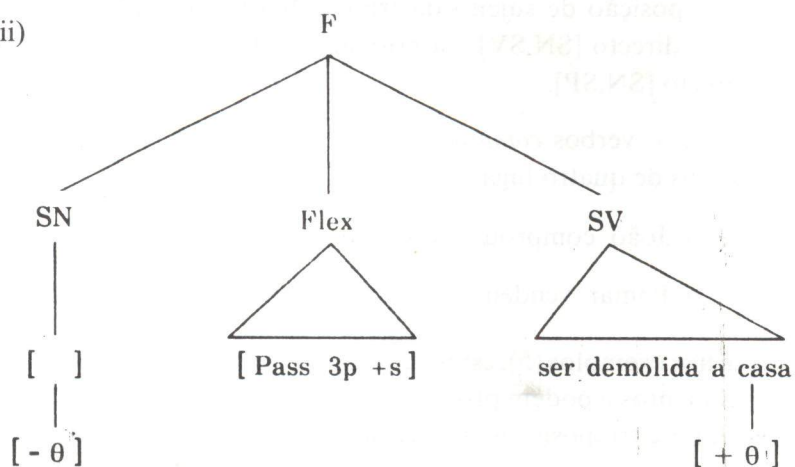
O facto de nem sempre haver, na estrutura sintáctica, coincidência entre posições-A e posições- $\theta$  tem a ver com a estipulação feita pelo Princípio de Projecção Alargado relativamente à existência de um sujeito sintáctico, independentemente da existência de um sujeito- $\theta$ .

Este assunto será retomado na unidade 7, mas observemos, como exemplo, a construção passiva. Esta construção não tem um sujeito- $\theta$ , visto, em Estrutura-P, não haver um argumento na posição de sujeito, como se vê na seguinte representação simplificada:

(6) Estrutura-P

(i) [F SN Flex [SV ser demolida [SN a casa]]]

ou (ii)



Em (6) a informação [-θ] (= menos θ) indica que a posição de [SN,F], uma posição-A, não é uma posição-θ, nesta estrutura; e [+θ] (= mais θ) indica que a posição de [SN,SV], também uma posição-A, é uma posição-θ (não só nesta estrutura, mas sempre que é criada).

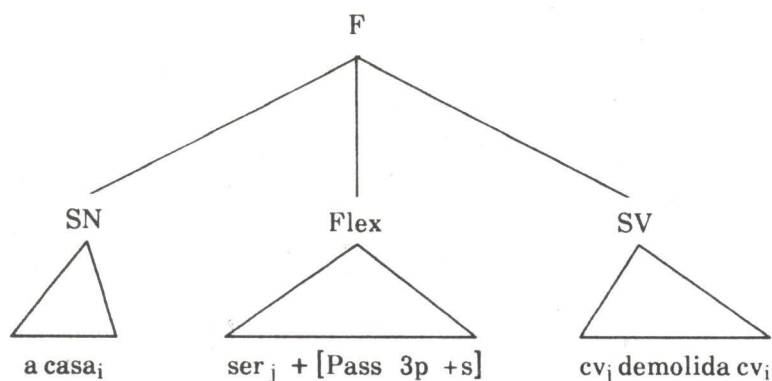
De facto, em (6), a posição-A de sujeito da frase [SN,F] não é uma posição-θ, porque nela não foi projectado um argumento, isto é, um sujeito-θ. O sujeito-θ Agente de *demolir* não se encontra na posição de sujeito. Na Estrutura-P da construção passiva, esta posição não é preenchida por um argumento do verbo. No entanto, a frase passiva *a casa foi demolida* mostra que o [SN a casa], objecto directo seleccionado pelo verbo e projectado à sua direita na Estrutura-P, numa posição-θ, é o sujeito da frase, isto é, o sujeito sintáctico da oração, que concorda com a informação da flexão verbal.

Observemos então, associada à Estrutura-P (6), a Estrutura-S (7). A representação (7) apresenta duas categorias vazias —  $cv_i$  e  $cv_j$  —, que são os vestígios do movimento de duas categorias — o [SN a casa<sub>i</sub>] e o [V ser<sub>j</sub>]. Os vestígios estão relacionados com as categorias movidas, pelo que têm índices idênticos, respectivamente:

(7) Estrutura-S

(i) [F [SN a casa<sub>i</sub>] ser<sub>j</sub>+Af [SV  $cv_j$  demolida  $cv_i$ ]]

ou (ii)



Como acabámos de demonstrar através da construção passiva, é pertinente distinguir dois tipos de sujeito — sujeito sintáctico e sujeito-θ —, intimamente relacionados com a distinção que se faz entre posições-A e posições-θ.

O sujeito sintáctico satisfaz a exigência do Princípio de Projecção Alargado e corresponde, nas representações sintácticas, a uma posição-A [SN,F]. Esta posição, embora obrigatória, nem sempre é ocupada em Estrutura-P, como se vê, por exemplo, em (6), onde não foi projectado um sujeito-θ. Uma característica do sujeito sintáctico é a sua concordância com a Flexão verbal das orações finitas (ou temporalizadas), e em português também com a Flexão verbal das orações de infinito flexionado (ou infinito pessoal).

---

**O sujeito- $\theta$  é um argumento de um verbo projectado, em Estrutura-P, na posição-A de sujeito da frase [SN,F].**

Ao contrário do que acontece relativamente ao sujeito sintáctico, que existe em todas as frases, nem todas as frases têm um sujeito- $\theta$ .

A construção passiva mostra que, em Estrutura-P, a posição estrutural de sujeito está livre para ser ocupada por um sujeito derivado (ou sujeito de superfície). Este é um sujeito sintáctico derivado porque é movido da sua posição básica de objecto directo do verbo, onde foi projectado em Estrutura-P, ficando associado à sua posição básica através de um índice. O sujeito da frase passiva não é, portanto, um sujeito- $\theta$  (ou sujeito básico, ou sujeito profundo), projectado em Estrutura-P na posição de sujeito da frase.

Como se vê em (7), o  $[_{SN} \text{ a casa}_i]$  na posição de sujeito tem o mesmo índice da categoria vazia, isto é, está coindexado com a categoria vazia —  $cv_i$  —, que é o vestígio deixado pelo seu movimento a partir da sua posição inicial, ou básica, em Estrutura-P. A posição básica do argumento é, naturalmente, uma posição-A e também uma posição- $\theta$ . A posição-A de sujeito da construção passiva [SN,F] não é uma posição- $\theta$ ; este sujeito sintáctico não é, realmente, um sujeito- $\theta$ ; ele é, lexicalmente e em Estrutura-P, um objecto do verbo e, em Estrutura-S, é um sujeito sintáctico associado à posição sintáctica de objecto directo.

### 5.1.1 *Papéis temáticos*

Uma variável associada a um predicado é identificada com uma determinada interpretação semântica ou **papel temático**.

Chamamos papéis temáticos às relações semânticas (ou **relações temáticas**) que os argumentos estabelecem com o seu predicado, porque estas relações pressupõem a existência de uma relação semântica central — o **Tema**.

Segundo Gruber/Jackendoff toda a frase tem um Tema. E os verbos podem ser classificados semanticamente em dois grupos — **Verbos de Deslocação** (ou de Movimento) e **Verbos de Localização** (ou Estativos).

O papel temático Tema é definido, relativamente aos Verbos de Deslocação, como o SN correspondente à entidade que é deslocada, ou que muda de estado; e relativamente aos Verbos de Localização, como o SN que corresponde à entidade que é localizada, ou que permanece num determinado estado.

A função semântica **Deslocação**, subjacente a um grupo de predicados, implica a existência de um **Tema**, de uma **Fonte** e de um **Alvo**. Os Verbos de Deslocação revelam, na sua interpretação semântica, a Deslocação de um Tema desde uma Fonte, ponto de partida, ou estado inicial, para um Alvo, fim da trajectória, ou estado final do Tema.

---

Vamos exemplificar com os verbos *oferecer* e *receber*:

(8) a. o João ofereceu o quadro à Maria

Fonte Tema Alvo

b. a Maria recebeu o quadro do João

Alvo Tema Fonte

Em (8a) e (8b) o [SN o quadro] é o argumento Tema seleccionado por ambos os verbos. Interpretamos, nas duas frases, o Tema — *o quadro* — como sendo deslocado de um argumento com o papel- $\theta$  Fonte, para outro argumento com o papel- $\theta$  Alvo. Tanto em (8a) como em (8b), o argumento Fonte é o *João* e o argumento Alvo é a *Maria*.

Vamos ver mais alguns exemplos:

(9) a. o João herdou uma quinta da Maria

Alvo Tema Fonte

b. a Maria demonstrou o teorema ao João

Fonte Tema Alvo

Em (9a) o [SN uma quinta] é o argumento Tema seleccionado pelo verbo de Deslocação *herdar*. O [SN o João] é o Alvo do Tema *uma quinta* e o [SN a Maria] é a Fonte.

O verbo *demonstrar*, em (9b), é também um verbo de Deslocação. O Tema [SN o teorema], ou melhor, a demonstração do teorema, tem como Fonte o [SN a Maria] e como Alvo o [SN o João].

Verifica-se, nas duas frases de (9), uma Deslocação Abstracta, pois não há realmente um objecto que se desloca fisicamente de um lugar (Fonte) para outro (Alvo). Em (9a) é referida uma transferência de posse do Tema *a quinta* e em (9b) uma transferência de informação sobre *o teorema* situações estas que só podem ser interpretadas como trajetórias, ou Deslocações Abstractas.

Outros exemplos podem ainda ser acrescentados para mostrar como a função semântica Deslocação engloba a ideia de Mudança de Estado:

(10) a. a Maria passou de assistente a professora

Tema Fonte Alvo

b. a Maria passou de deprimida a eufórica

Tema Fonte Alvo

O Tema das duas construções [SN a Maria] é interpretado como mudando de uma Fonte Abstracta para um Alvo Abstracto. A interpretação de Mudança

---

de Estado é dada pelo Estado Inicial — Fonte —, e pelo Estado Final — Alvo —, que, como se vê em (10b), podem ser realizados por adjectivos, e são, igualmente, interpretados como Fonte e Alvo Abstractos.

A função semântica **Localização**, subjacente a outro grupo de predicados, implica a existência de um **Tema** e de um **Lugar**. Os Verbos de Localização relacionam um Tema com um Lugar.

Por exemplo:

- (11) a. o João mora em Évora  
Tema Lugar
- b. o João tem o livro  
Lugar Tema

Na frase (11a) o [SN o João] é o Tema da construção e o Lugar é realizado pelo [SP em Évora].

Em (11b) o [SN o João] é o argumento Lugar e o [SN o livro] é o Tema do verbo *ter*.

A relação existente entre Tema e Lugar, exemplificada em (11), é perfeitamente clara — o [SN o João], em (11a), é o Tema localizado num Lugar — o [SN Évora]; em (11b), o [SN o livro] é o Tema localizado num Lugar — o [SN o João]. Como se vê a interpretação de Posse é dada pela função semântica Localização. O verbo *ter* relaciona um Tema e um Lugar.

Identificamos a interpretação de Posse com Localização porque ela é, de facto, equivalente a uma Localização Abstracta, implicando, igualmente, como se vê em (11b), um Tema e um Lugar. É interessante verificar que o francês utiliza a mesma preposição para a Localização física e para a Posse, como se pode ver nos exemplos seguintes:

- (12) a. Jean est à Paris  
Tema Lugar
- b. le livre est à Jean  
Tema Lugar

Para ilustrar melhor a Localização Abstracta, vamos comparar mais alguns exemplos:

- (13) a. a Maria conserva o carro velho  
Lugar Tema

---

b. a Maria conserva a boa disposição

Lugar Tema

c. a Maria sabe a lição

Lugar Tema

A função semântica Localização (ou Estado) pode também, à semelhança do que acontece com a Deslocação Abstracta (ou Mudança Abstracta), ser realizada por adjectivos e alguns advérbios.

Vamos examinar as frases seguintes:

(14) a. o João continua assistente

Tema Lugar

b. o João continua em Évora

Tema Lugar

c. o João continua zangado

Tema Lugar

d. o João continua bem

Tema Lugar

Como se vê nos exemplos (14), a função semântica Localização subjacente ao verbo *continuar* implica um Tema — o [SN o João] — e um Lugar realizado por diferentes categorias — o [SN assistente], em (14a); o [SP em Évora], em (14b) e o [SA zangado], em (14c).

De facto, os verbos de Localização (ou Estativos) englobam os verbos predicativos que encontramos listados na gramática tradicional e que admitem qualquer das quatro categorias exemplificadas em (14) como seu complemento — SN, SP, SA e SAdv. Na gramática tradicional este complemento é geralmente denominado predicativo do sujeito.

Resumindo, neste ponto, diremos que utilizamos a terminologia das relações temáticas, derivada da classificação semântica binária dos verbos lexicais em:

(15) (i) Verbos de Deslocação: Tema, Fonte e Alvo

(ii) Verbos de Localização: Tema e Lugar

## 5.2 Alguns primitivos semânticos

Consideraremos ainda, de acordo com Jackendoff (1972), que a um nível mais abstracto de relações semânticas entre grupos de predicados se encontram determinadas funções semânticas, ou primitivos semânticos, talvez universais.

A função semântica relevante na definição dos Verbos de Localização (ou Estativos) é **SER/ESTAR**, e implica um argumento individual — Tema —, e um Estado — Lugar. Estas são, tipicamente, as relações temáticas dos Verbos de Localização e constituem as sub-funções semânticas de **SER/ESTAR**. Recordem-se, a propósito, os exemplos (8), (9) e (10). A denominação **SER/ESTAR** para uma função semântica, que é um conceito abstracto, não deve ser confundida com os itens lexicais *ser* e *estar*. Estes são, realmente, verbos predicativos e, portanto, auxiliares de uma predicação, cuja interpretação semântica é, efectivamente, de Localização e está relacionada com a função semântica **SER/ESTAR**, que se julga ser universal.

Duas outras funções semânticas devem ser distinguidas — **CAUSA** e **MUDANÇA** —, porque se revelam importantes na relação entre predicados.

A função semântica **CAUSA** implica dois argumentos: um individual e um Evento. O argumento individual de **CAUSA** é o Agente. O Agente é o motivador, o controlador, é efectivamente interpretado como o causador do Evento. E é caracterizado com os traços semânticos [+Animado] e [+Vontade].

Utilizaremos, geralmente, os traços propostos em Chomsky (1965) para a caracterização dos nomes<sup>1</sup>. Temos, no entanto, de incluir outros como, por exemplo, [+Vontade [-Vontade] para distinguir papéis temáticos.

<sup>1</sup> Ver unidade 7.

Vamos ver alguns exemplos:

- (16) a. a Maria demoliu a casa  
          Agente                  Tema
- b. o João ofereceu um quadro à Maria  
          Agente/Fonte          Tema    Alvo
- c. o Pomar vendeu o quadro ao João  
          Agente/Fonte          Tema    Alvo

Nas frases (16) o SN sujeito da oração é interpretado como Agente, causador do Evento.

Para além da função semântica **CAUSA**, também a função semântica **MUDANÇA** está subjacente aos predicados de (16), que são verbos de Deslocação. A função semântica **MUDANÇA** implica, como vemos, três argumentos: um individual Tema, um Estado Inicial-Fonte e um Estado Final-Alvo.

Pensemos, de novo, nas frases (16). Começemos por considerar a interpretação semântica de (16a), em que o Tema do verbo *demolir* — o [SN a casa] — é interpretado como sofrendo MUDANÇA de Estado: de *não-demolida* — Estado Inicial-Fonte — passou a *demolida* — Estado Final-Alvo. Outros linguistas preferem chamar **Paciente** ao Tema deste tipo de predicados, uma vez que este Tema não é propriamente deslocado de um SN Fonte para um SN Alvo, mas sofre uma MUDANÇA de Estado<sup>1</sup>. Na nossa análise o papel- $\theta$  Tema inclui também o Paciente, porque admitimos que o Estado Inicial-Fonte e o Estado Final-Alvo podem fazer parte do próprio predicado, isto é, podem estar semanticamente incorporados no predicado lexical, o que acontece, por exemplo, com o verbo *demolir*, em (16a).

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, Fillmore 1968.

As frases (16b) e (16c) são exemplos mais claros da função semântica MUDANÇA, porque todos os argumentos implicados na MUDANÇA estão explícitos, realizados como SNs, relacionados com verbos de Deslocação. Aí, a MUDANÇA é realizada como a própria Deslocação do Tema, que define uma trajectória desde uma Fonte, simultaneamente Agente, até um Alvo.

Resumiremos, agora, as três funções semânticas consideradas, em princípio, primitivos semânticos das relações entre predicados lexicais, e as respectivas sub-funções:

- (17) (i) SER/ESTAR: - um argumento individual - Tema  
- um Estado - Localização
- (ii) CAUSA: - um argumento individual -Agente  
- um Evento - Deslocação (ou Mudança de Estado)
- (iii) MUDANÇA: - um argumento individual - Tema  
- um Estado Inicial - Fonte  
- um Estado Final - Alvo

### 5.2.1 *Verbos agentivos e não-agentivos*

O papel- $\theta$  **Agente** do argumento individual de CAUSA revela-se de grande importância, não apenas para a interpretação semântica das frases, mas também na própria organização sintáctica.

Vamos reflectir sobre a seguinte afirmação: **o Agente é tipicamente um sujeito, contudo, o inverso não é verdade.**

---

Compararemos os dois exemplos seguintes:

(18) a. a Maria trabalha

Agente

b. a carta chegou

Tema

c. o João dorme

Tema

É claro que o sujeito de (18a) é Agente mas o de (18b) e o de (18c) não são. Estes dados permitem-nos distinguir os **verbos agentivos** dos verbos **não-agentivos** — *trabalhar* é um verbo agentivo, e *chegar* e *dormir* são verbos não-agentivos, isto é, o argumento obrigatório do primeiro é interpretado como Agente e o argumento dos outros dois tem a interpretação de Tema. Recorde-se que caracterizámos atrás o papel- $\theta$  Agente com os traços semânticos [+Animado] e [+Vontade], pelo que o sujeito [<sub>SN</sub> a carta], em (18b) e o sujeito [<sub>SN</sub> o João] não são, certamente, interpretados como Agente — o primeiro é [-Animado] e o segundo, embora [+Humano], não possui o traço de [+Vontade].

Como também se compreende facilmente, o papel- $\theta$  Agente não pode ser um argumento inerente dos Verbos de Localização (ou Estativos). Estes relacionam-se com um Tema e um Lugar (ou Estado) e, como se vê nas frases (8), (9) e (10), o sujeito daquelas construções não é interpretado como Agente mas como Tema ou Lugar. O Agente é um argumento de CAUSA e está associado a um Evento (ver, por exemplo, (16)), a uma Actividade (ver (18a)) mas não está associado a um Estado (ver (18c)).

O Agente não é igualmente um papel temático específico dos Verbos de Deslocação. Estes verbos relacionam-se com um argumento Tema, uma Fonte e um Alvo. Recordemos o verbo *receber*, já referido no exemplo (8b). *Receber* é um verbo de Deslocação e, no entanto, o sujeito da frase não é, necessariamente, interpretado como Agente:

(19) a Maria recebeu o convite do João

Alvo

Tema Fonte

No exemplo acima, o sujeito da frase não é, em princípio, interpretado como o motivador, o causador do Evento-Deslocação descrito na [<sub>F</sub> a Maria recebeu o convite do João]. O sujeito- $\theta$  é interpretado como o Alvo da Deslocação do Tema de *receber* e não é, naturalmente, interpretado como Agente da Deslocação.

E se é verdade que nos podemos inclinar para dar ao sujeito *a Maria*, em (19), a interpretação de Agente, essa interpretação resulta do facto de aquele sujeito

ter o traço semântico [+Humano], contido no traço mais abrangente [+Animado], que, a par do traço [+Vontade], caracteriza o papel- $\theta$  Agente. A interpretação de Agente não é, contudo, específica do sujeito do [sv receber o convite do João], pois este não é necessariamente caracterizado com o traço [+Vontade] próprio do Agente. A interpretação semântica básica deste argumento do verbo *receber*, que funciona como sujeito da oração [SN,F], não é tipicamente agentiva, uma vez que o sujeito não é, realmente, o causador do Evento — Deslocação do Tema [SN o convite] a partir de uma Fonte [SP do João] para um Alvo [SN a Maria].

Vamos ver mais alguns exemplos:

(20) a. a Maria explicou o problema ao João

Agente/Fonte	Tema	Alvo
--------------	------	------

b. o João emprestou a caneta à Maria

Agente/Fonte	Tema	Alvo
--------------	------	------

c. a Maria obteve a informação do João

Alvo	Tema	Fonte
------	------	-------

d. o João herdou a quinta da Maria

Alvo	Tema	Fonte
------	------	-------

Os exemplos (20) confirmam o que acabámos de dizer. Embora todos os verbos de (20) sejam considerados verbos de Deslocação e as frases apresentem todos os argumentos explicitados, há diferenças importantes relativamente aos papéis- $\theta$  do par constituído por (20a) e (20b), por um lado, e do par constituído por (20c) e (20d), por outro lado. De facto, (20a) e (20b) têm um sujeito- $\theta$  com uma interpretação dupla — Agente/Fonte —, o que significa que aqueles verbos, para além de serem de Deslocação, são também verbos agentivos; enquanto (20c) e (20d) têm um sujeito- $\theta$  com uma interpretação simples (e oposta) — Alvo —, o que significa que os verbos destas frases são de Deslocação mas não são agentivos.

Os dois pares de exemplos de (20) são interpretados com trajectórias em sentidos inversos: em (20a) e (20b) o Tema é deslocado do sujeito-Fonte para o complemento indirecto-Alvo e, em (20c) e (20d), o Tema é deslocado do complemento indirecto-Fonte para o sujeito-Alvo.

Os exemplos (20) podem levar a pensar que, quando o papel- $\theta$  do sujeito é complexo, existe sempre coincidência do papel- $\theta$  Agente com o papel- $\theta$  Fonte, o que não é verdade, embora seja muito frequente.

Vamos ver duas frases com os verbos *comprar* e *vender*, que mostram que um sujeito- $\theta$  Agente pode ter também a interpretação de Alvo, para além da interpretação de Fonte, já ilustrada:

- (21) a. o João comprou o carro à Maria  
 Agente/Alvo      Tema      Fonte
- b. a Maria vendeu o carro ao João  
 Agente/Fonte      Tema      Alvo

É claro que os verbos *comprar* e *vender* são verbos de Deslocação Agentivos. Como vemos, a trajectória do Tema, com o verbo *comprar*, verifica-se a partir de uma Fonte, que não é Agente, para um Alvo/Agente; a trajectória do Tema, com o verbo *vender*, verifica-se a partir de um Agente/Fonte para um Alvo.

Os verbos *comprar* e *vender* têm ainda outro argumento, que não se encontra explicitado nas frases (21), e que tem a interpretação de **Tema Secundário** (normalmente dinheiro):

- (22) a. o João comprou o carro à Maria por quinhentos contos  
 Tema Secundário
- b. a Maria vendeu o carro ao João por quinhentos contos  
 Tema Secundário

O Tema Secundário dos verbos do tipo de *comprar* e *vender* implica uma **Deslocação Secundária**, que é a trajectória do Tema Secundário, a partir de uma **Fonte Secundária**, para um **Alvo Secundário**:

- (23) a. o João comprou o carro à Maria por quinhentos contos  
 Fonte Sec.      Alvo Sec.      Tema Secundário
- b. a Maria vendeu o carro ao João por quinhentos contos  
 Alvo Sec.      Fonte Sec.      Tema Secundário

Verifica-se, no entanto, que, enquanto o Tema Secundário é realizado por um sintagma preposicional, que tem apenas esta interpretação, a Fonte Secundária e o Alvo Secundário têm também a interpretação de Alvo e de Fonte, respectivamente, que são papéis- $\theta$  associados à trajectória do Tema principal.

Repare-se que o Tema principal destes verbos é realizado obrigatoriamente na frase mas o Tema Secundário pode permanecer implícito, como se vê nas frases (21).

Dizer que um argumento é obrigatório significa, exactamente, que tem de ser projectado na estrutura sintáctica da frase e, como sabemos, o objecto directo Tema de um verbo transitivo é um **argumento obrigatório**; sem ele as frases (21) e (22) seriam mal-formadas (sendo, é claro, descontextualizadas, como são todos estes exemplos).

---

Quando um argumento pode não ser explicitado, e ficar, portanto, implícito, dizemos que é um **argumento opcional** (ou **facultativo**), como no caso do Tema Secundário dos verbos *comprar* e *vender*. A entrada lexical destes verbos inclui, naturalmente, os quatro argumentos que fazem parte da sua grelha- $\theta$  e que distinguem estes verbos de outros verbos que são igualmente de Deslocação Agentivos.

### 5.3 A hierarquia temática

Na exemplificação feita até aqui verifica-se, realmente, não existir coincidência entre funções gramaticais e papéis temáticos. De facto, enquanto as funções gramaticais da gramática tradicional têm a ver com as Estruturas de Superfície das frases, os papéis temáticos correspondem à interpretação semântica dos SNs argumentos projectados na Estrutura-P, de acordo com a informação lexical do seu predicado. Assim, um sujeito de superfície pode ter, como já vimos, diferentes interpretações. Retomemos alguns exemplos apresentados em 5.1.:

- (24) a. a Maria demoliu a casa  
          Agente           Tema
- b. a casa foi demolida  
          Tema
- c. o João herdou uma quinta da Maria  
          Alvo           Tema    Fonte
- d. o João ofereceu um quadro à Maria  
          Agente/Fonte    Tema    Alvo
- e. o João comprou o quadro ao Pomar  
          Agente/Alvo    Tema    Fonte
- f. o Pomar vendeu o quadro ao João  
          Agente/Fonte    Tema    Alvo
- g. o João mora em Évora  
          Tema           Lugar
- h. o João tem o livro  
          Lugar          Tema

Como vemos em (24), o sujeito de superfície [SN,F], definido como o SN que concorda com a Flexão verbal, é interpretado como Agente em (24a), como Tema em (24b), como Alvo em (24c), como Agente/Fonte em (24d) e em (24f), como Agente/Alvo em (24e), como Tema em (24g) e como Lugar em (24h).

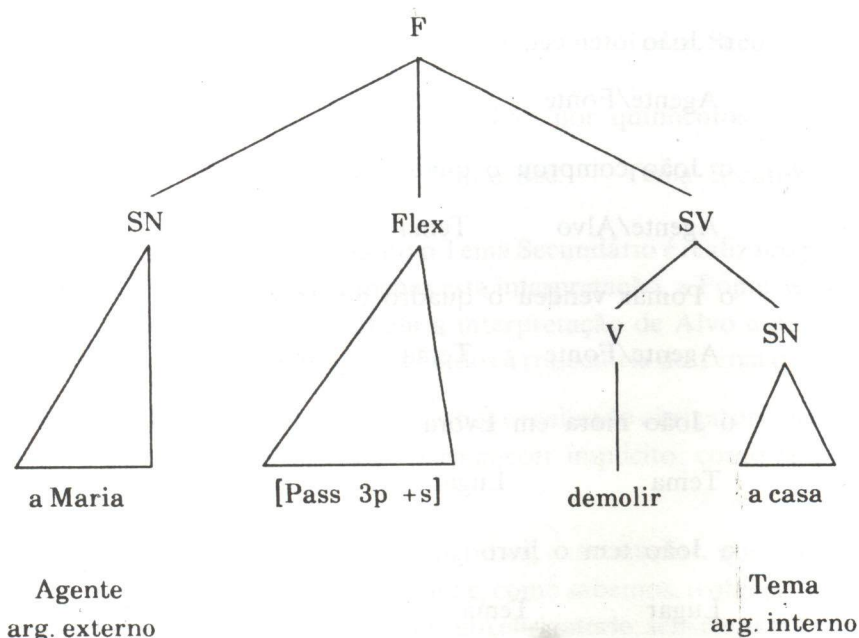
Verifica-se também, nos exemplos de (24), que o objecto directo [SN,SV], definido como o SN regido directamente pelo verbo, tem a interpretação de Tema, em (24a), em (24c), em (24d), em (24e), em (24f) e em (24h). E o objecto indirecto ou o complemento indirecto [SN,SP], definido como o SN regido indirectamente pelo verbo, tem a interpretação de Fonte, em (24c) e em (24e), tem a interpretação de Alvo, em (24d) e em (24f), e tem a interpretação de Lugar, em (24g).

A par da variedade de interpretações semânticas do sujeito de superfície devemos notar que o objecto directo é sempre interpretado como Tema; e, ainda, que o complemento indirecto tem a interpretação de Fonte (Estado Inicial), de Alvo (Estado Final) ou de Lugar (Estado).

Há ainda outra generalização importante que devemos salientar: o **SN argumento de um verbo com a interpretação de Agente é um sujeito- $\theta$  [SN,F]**, isto é, o Agente é o **argumento externo** de um verbo agentivo, porque é **projectado em Estrutura-P, numa posição-A temática externa ao SV**. Paralelamente, os argumentos-complementos dos verbos são **argumentos internos**, porque são **projectados no interior do SV**.

Vamos representar, simplificada, a frase (24a):

(25)



---

De observações desta natureza resultou a hipótese, formulada por Jackendoff (1972), de que existe uma determinada hierarquia dos papéis- $\theta$  denominada **Hierarquia Temática**. Julga-se, de facto, que a Hierarquia Temática se reflecte na organização sintáctica das frases. Assim, é claramente visível nas construções com verbos transitivos, que têm tipicamente um Agente e um Tema, que o papel- $\theta$  Agente é o sujeito da frase [SN,F], representado na posição do SN mais alto da estrutura sintáctica; e o Tema é o objecto directo do verbo [SN,SV], representado na posição-A temática mais baixa da estrutura.

A Hierarquia Temática é evidente relativamente à coocorrência numa frase dos papéis- $\theta$  Agente e Tema, mas é uma hipótese que inclui também os papéis- $\theta$  Fonte e Alvo, pela ordem seguinte:

(26) **Hierarquia Temática**

Agente

Fonte/Alvo

Tema

Numa construção transitiva em que o argumento externo não seja Agente, Agente/Fonte ou Agente/Alvo mas, apenas, Alvo, por exemplo (24c), também este papel- $\theta$  é projectado na posição-A hierarquicamente acima da posição em que é projectado o Tema. Neste caso, essa posição-A temática é, igualmente, a posição de sujeito [SN,F].

Vimos atrás, em 5.1., que o sujeito Tema da construção passiva, exemplificada em (24b), é um sujeito de superfície (ou sujeito sintáctico) e não é um sujeito profundo (ou sujeito temático). Vários linguistas defendem a hipótese de o papel- $\theta$  Tema ser sempre projectado em Estrutura-P como um complemento do verbo. Portanto, de acordo com aquela hipótese, quando o Tema funciona como sujeito, porque concorda com a Flexão verbal, ele é um sujeito sintáctico derivado e não é um sujeito temático.

É interessante recordar, neste ponto, embora de forma breve, definições de sujeito e de objecto, que nos vêm da gramática tradicional - o sujeito é a entidade que pratica a acção verbal (o Agente) e o objecto é o que sofre acção (o Paciente ou o Tema). Estas definições captam, efectivamente, a intuição de que o verdadeiro sujeito lógico-semântico, o sujeito- $\theta$ , que é também sujeito sintáctico, é tipicamente o Agente; e o Tema, quando é sujeito, é, realmente, um sujeito derivado, porque, do ponto de vista lógico-semântico, é um objecto do verbo.

Mas deixemos para já esta questão tão controversa, que voltaremos a abordar mais adiante, depois de termos introduzido outros elementos necessários à compreensão das diferentes hipóteses.

### 5.3.1 *Verbos psicológicos*

Agrupam-se sob a designação de **verbos psicológicos** aqueles que **têm um conteúdo proposicional que relaciona um argumento com a interpretação de Tema e outro com a interpretação de Experienciador**.

O papel- $\theta$  Experienciador (**Exp**) é caracterizado pelos traços semânticos [+Humano] e [-Vontade].

Examinemos alguns exemplos:

- (27) a. este trabalho diverte a Maria  
Tema Exp
- b. este trabalho agrada à Maria  
Tema Exp
- c. este trabalho preocupa o João  
Tema Exp
- d. o João teme este trabalho  
Exp Tema
- e. o João despreza este trabalho  
Exp Tema
- f. o João gosta deste trabalho  
Exp Tema

Como se vê, os papéis- $\theta$  dos argumentos das frases acima são sempre Tema e Experienciador. O papel- $\theta$  Experienciador é semelhante a um Lugar, restringido semanticamente com os dois traços que o caracterizam — [+Humano] e [-Vontade] — ou, talvez melhor, [+Afectado psicologicamente].

Os Verbos Psicológicos são de certo modo semelhantes aos Verbos de Localização, porque relacionam um Tema e um Lugar Psicológico; são, no entanto, diferentes, porque o Lugar Psicológico não é um Estado Psicológico com carácter permanente, mas um Estado transitório, visto o Experienciador ser afectado temporariamente por uma causa exterior, situação que se assemelha, de certo modo, a uma Mudança de Estado Psicológico.

As frases (27) apresentam, contudo, algumas diferenças de natureza sintáctica: de (27a) a (27c) o Tema é o sujeito das construções e o Experienciador é um complemento dos verbos; de (27d) a (27f) o sujeito é o Experienciador e o Tema é o complemento do verbo. Além disso, os complementos de (27b) e (27f)

---

são precedidos por uma preposição, enquanto os restantes não têm preposição, diferença que será explicada mais adiante.

Podemos, então, levantar a seguinte questão: qual será a relação hierárquica entre Tema e Experienciador?

Não é fácil responder a esta questão, que tem sido objecto de muita investigação. Vamos deixar em aberto também este problema, que se relaciona com toda a problemática da Hierarquia Temática e da Predicação em geral.

Para já vamos avançar com a hipótese de que o Experienciador é representado, em Estrutura-P, numa posição hierarquicamente acima do Tema:

- (28) **Hierarquia Temática**  
Agente/Experienciador  
Fonte/Alvo  
Tema

Mantemos, assim, a generalização de que o Tema é o argumento representado na posição-A mais baixa da Estrutura-P. As representações sintácticas e as explicações correspondentes serão apresentadas após termos introduzido todos os elementos que consideramos necessários ao seu entendimento.

#### 5.4 Tópicos de recapitulação geral

- grelha temática dos predicados lexicais
- projecção lexical na estrutura sintáctica
- primitivos semânticos
- hierarquia temática

---

### Referências bibliográficas

- BUSSE, W.; M. Vilela 1986 - *Gramática de Valências*, Coimbra, Livraria Almedina.
- CHOMSKY, N. 1965 - *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press. (Tradução portuguesa: *Aspectos da Teoria da Sintaxe*, Coimbra, Arménio Amado Ed. Suc., 1975).
- GRUBER, J. 1967 - *Functions of the Lexicon in Formal Descriptive Grammar*, Indiana University, Linguistics Clubs, 1972.
- JACKENDOFF, R. 1972 - *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- PERES, J. 1984 - *Elementos para uma Gramática Nova*, Coimbra, Livraria Almedina.